

Bracher vai negociar com banqueiros

Lúcia Turibio

A partir de terça-feira, começa uma nova etapa de negociações entre o Brasil e seus credores internacionais. O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, viaja a Washington para tentar prorrogar as linhas de curto prazo — US\$ 16 bilhões no interbancário e no crédito comercial — que vencem no final de janeiro e o ministro João Sayad, do Planejamento, embarca para Nova Iorque para negociações junto ao Banco Mundial.

No novo quadro da relação entre o Brasil e seus credores, que tenta excluir a figura fiscalizadora do FMI, os contatos com o Banco mundial ganham dimensões de maior importância. O Bird, a curto prazo, é a melhor e mais segura fonte de dólares novos para investimentos em terras brasileiras. Já estão praticamente certos recursos de US\$ 1,5 bilhão de que o Banco vai emprestar ao País para investimentos no setor elétrico, auditorias de empresas do governo e programa de desestatização.

Mas além das linhas de crédito normais, Sayad vai concentrar suas negociações em três pontos vitais até para a renegociação da dívida do Brasil com seus credores, uma linha de crédito comercial, co-financiamentos com bancos privados e alterações nas regulamentações internas do Banco, para expandir o teto de crédito brasileiro com relação ao capital do Bird.

A proposta de um crédito comercial para o Brasil — entre US\$ 1 bilhão e US\$ 2 bilhões — começou a ser discutida na Assembléia Geral do FMI e do Banco Mundial no Seul. A idéia é de um crédito de emergência, para fazer frente às possíveis pressões dos bancos que mantêm a linha de curto prazo nos projetos 3 e 4 do acordo com o FMI, que o presidente do Banco Central vai tentar renovar. Seria um empréstimo «stand by» e funcionaria em regime de rotatividade, nos mesmos moldes do projeto do Fundo.

Os co-financiamentos que estão sendo estudados junto ao Banco Mundial seriam hoje a melhor solução para o Brasil receber recursos significativos para novos investimentos que beneficiariam inclusive o setor privado, por via indireta. Por este sistema, o Banco mundial entraria com uma parte do dinheiro e os bancos privados complementariam o projeto, tendo o Bird, como avalista.

A terceira meta de Sayad, nas suas conversações com os dirigentes do Bird, é aumentar o teto de recursos que o Brasil possa captar junto do Banco. Pelas atuais regras do jogo, o governo brasileiro não tem mais direito a ampliar seus créditos, pois eles já ultrapassaram o limite de 10% do total de empréstimos do Banco. Duas alternativas para solucionar o problema estão sendo estudadas: aumenta-se o limite ou a disponibilidade de capital do Bird, através de captação no mercado financeiro internacional ou de uma maior participação nas cotas dos governos acionistas.

O clima na Secretaria de Planejamento com relação ao sucesso das negociações de Sayad é de otimismo. Isto porque o pensamento do Banco Mundial, converge para o que está sendo realizado pelas autoridades econômicas do governo: ambos acreditam que a solução para a crise financeira é o desenvolvimento. As missões técnicas do Bird que visitaram o Brasil no último mês de novembro se mostraram bastante simpáticas à atuação do governo brasileiro. Por outro lado, também interessa ao Bird uma relação mais intensa com os grandes países devedores para, através deles, conquistar uma posição política mais destacada no cenário das negociações internacionais.